

A conversão da língua em discurso: enunciar para significar*

Carmem Luci da Costa Silva**

Resumo

Este artigo busca responder à seguinte questão: Como o aluno pode continuar a sua história de enunciações, para se fundamentar como sujeito em sua língua materna, em novas experiências de significação na linguagem em sala de aula na Universidade? Para responder a essa questão, são abordados os diferentes domínios em que se situa o problema da significação na teorização de Émile Benveniste (1995; 1989) sobre linguagem/língua/discurso para apontar a importância de se considerar o domínio translinguístico nas atividades de leitura e de produção de textos na Universidade em diferentes cursos, que abarcam distintos campos de saber. A reflexão apresentada possibilita embasar teoricamente atividades em sala de aula, centradas na língua em emprego, para possibilitar ao aluno continuar a sua história de enunciações e a sua experiência de significação como sujeito *na e pela* linguagem.

Palavras-chave

Enunciação; discurso; significação; ensino e aprendizagem de língua materna

Abstract

This study intends to answer the following question: How can the student continue their history of utterances, to found themselves as subjects in their mother tongue, in new experiences of signification in language in the classroom at the University? In order to answer this question, we address the different domains in which the problem of signification is located within the theory of Émile Benveniste (1995; 1989) about language/langue/discourse to indicate the importance of considering the translinguistic domain in reading and writing activities at the University, in different courses, covering different fields of knowledge. This reflection enables us to theoretically support classroom activities, centered on language in use, to enable the student to continue their history of utterances and their experience of signification as subject *in and through* language.

Keywords

Utterance; discourse; signification; mother language teaching and learning

* Artigo de autora convidada para o dossiê.

** Docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1. Palavras iniciais

Manifestar-se pela linguagem é instaurar um lugar para significar. A experiência de significação *na* e *pela* linguagem remete-nos à teorização de Benveniste (1995; 1989) sobre a conversão da língua em discurso como lugar de passagem de locutor a sujeito.

Para o autor, não é possível separar homem da linguagem, constatação que o leva a desconstruir a oposição natureza/cultura e a defender que a linguagem está na natureza do homem. O discurso, como produto de um ato de enunciação, traz sempre um acontecimento diferente e novo que dá existência ao sujeito, fundando-o na linguagem.

Refletir sobre o processo de ensino de língua materna nessa perspectiva é situar-se nessa dimensão de historicidade para tratar cada experiência de conversão da língua em discurso como um registro humano na linguagem, já que pensar a língua fora de seu uso é excluir o humano e o histórico. A partir dessa concepção de interdependência homem-linguagem, formulamos a seguinte indagação: Como o aluno pode continuar a sua história de enunciações para se fundamentar como sujeito em sua língua materna em novas experiências de significação na linguagem em sala de aula, na Universidade?

Para responder a essa questão, trataremos: da experiência humana na linguagem, centrada na ideia de seu funcionamento simbólico como base da significação; sobre a conversão da língua em discurso como o lugar de passagem de locutor a sujeito e sobre as experiências de significação de alunos na língua-discurso na Universidade.

Portanto, o estudo proposto situa-se em uma dimensão historicizante do homem na linguagem para discutir o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no contexto universitário como um lugar singular que requer levar em conta o modo como cada aluno evoca a sua vivência *na* e *pela* linguagem, vivência essa que carrega uma história de enunciações na *sua* língua materna.

2. Experiências de significação na linguagem

Tratar da língua convertida em discurso é pensar na relação homem e linguagem, relação que está sempre sujeita a mudanças. Isso implica adotar um ponto de vista aquisicional enunciativo para pensar que o aluno, a cada nova experiência de uso da língua, ressignifica o fato de que é falante, é ouvinte, é escrevente e é leitor. Por adotar esse ponto de vista, concebemos que a aquisição tanto da língua falada quanto da escrita é

processo contínuo e inacabado. Isso porque defendemos, com Benveniste, que “todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida. E todos homens inventam sua própria língua a cada instante e cada um de uma maneira distintiva, e cada vez de uma maneira nova” (BENVENISTE, 1989, p. 18).

A constatação de que o homem não nasceu falante, mas que tem uma potência para tal, marca o processo de aquisição da linguagem e inaugura a infância na linguagem de cada falante como possibilidade de se historicizar no seu próprio discurso. Pensar essas dimensões de infância e história remete-nos às propostas de Agambem (2008) e de Dessons (2006), que partem da tese de Benveniste de que o homem, por nascer na cultura (BENVENISTE, 1995; 1989), historiciza-se na linguagem devido ao fato de, a cada ato de enunciação, viver uma experiência única que está no trânsito da língua ao discurso. Por isso, concebemos que, a cada ato de enunciação (de escrita, de leitura, de oralidade e de escuta), o homem se depara com a transformação do domínio da língua em domínio de discurso para produzir novos sentidos às formas das quais se apropria. Nessa passagem, o homem inscreve a sua história em uma experiência de linguagem com outros para se instaurar como sujeito e ser histórico. Essa é a reflexão instigante que Teixeira (2012, p. 37) nos deixa como legado:

Émile Benveniste ensina que a experiência humana não precede cronologicamente à linguagem; ela é contemporânea à enunciação, produzindo, a cada vez, o homem como sujeito. É, pois, no ato de apropriação da língua pelo locutor que a experiência advém, numa relação indissociável com a (inter)subjetividade. Sob essa ótica, os protagonistas da linguagem (eu-tu) não podem ser considerados processadores automáticos ou computadores biológicos mais ou menos programados para lidar com um código linguístico que lhes é exterior; o uso da linguagem está ligado a uma forma de vida. Parece estar no projeto de Benveniste a expressão da necessidade de desenvolver uma teoria que não só descreva a língua-discurso do ponto de vista de seu funcionamento enunciativo, mas que possibilite produzir conhecimento sobre o homem.

Em diálogo com essa proposta de Teixeira, temos buscado desenvolver, em interface com os campos de aquisição e ensino de língua materna, estudos sobre as condições enunciativas de instauração da experiência de significação na linguagem por alunos universitários, registrando e analisando suas manifestações de linguagem, sempre particulares, a cada ato de enunciação. Nesses estudos, o recurso à análise enunciativa da linguagem é proposto não para descrever a língua por si só, mas como uma forma de

contribuir para compreender questões de natureza mais ampla da relação do aluno com a linguagem.

Por isso, temos procurado deslocar a formulação de Silva (2007; 2009) sobre o processo de aquisição da linguagem de que a criança produz uma história de suas enunciações, por meio da qual constitui sua língua materna e o sistema de representações de sua cultura, estabelecendo-se, desse modo, como sujeito de/na linguagem para o contexto de ensino-aprendizagem de língua materna: O aluno produz uma história de suas enunciações, por meio da qual continua a se constituir em sua língua materna e no sistema de representações de sua cultura, estabelecendo-se, desse modo, como sujeito de/na linguagem.

Considerar a aquisição da linguagem como um fenômeno constitutivo do saber do homem sobre sua própria língua significa conceber a linguagem como própria do humano, uma vez que os dados de experiência *na* e *pela* linguagem só são apreendidos pela capacidade simbólica humana, uma vez que o próprio da linguagem é significar: “Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é o seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano”. (BENVENISTE, 1989, p. 222). Por isso, Benveniste, em diferentes textos de sua obra, interroga-se: o que é a significação? Acrescentamos à interrogação do linguista uma outra: Como a história de significação do homem na linguagem se produz?

A resposta à primeira questão de Benveniste encontramos na leitura que produzimos de diferentes textos de suas obras *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*. A resposta à segunda envolverá deslocarmos essa leitura para o contexto de ensino-aprendizagem de língua materna.

Concordamos com a afirmação de Teixeira e Messa (2015) de que o pensamento aparentemente tão plural de Benveniste, suas inúmeras incursões no campo de estudo da linguagem encontram seu ponto de convergência na preocupação com a significação. Como essa preocupação se converte em programas teóricos? Nossa leitura de distintos textos do linguista permite-nos argumentar que essa preocupação se desdobra, por meio de diferentes problemáticas, com distintas propostas de passagem: do domínio do signo ao domínio do discurso; da semântica da enunciação à metassemântica; de uma

semiologia de primeira geração para uma de segunda geração e do universo linguístico ao universo translinguístico.

Nessas problemáticas, encontramos as diferentes relações de significação presentes na relação do homem com a língua-discurso, que são constitutivas do funcionamento simbólico da linguagem: 1) na *distintividade* (a que essa forma se opõe na relação com outra? Ser distintivo é ser significativo); 2) no *reconhecimento* (essa forma tem sentido no uso?) e 3) na *compreensão da ideia global* da frase/do discurso e do emprego da palavra na frase/no discurso (qual o sentido das formas sintagmatizadas nesse discurso?). As propriedades de *distintividade* e de *reconhecimento* estão vinculadas à relação forma-sentido do *domínio semiótico* (do signo). Já a *compreensão* é a propriedade que envolve a relação forma-sentido no *domínio semântico* (do discurso). É nesse jogo entre *distintividade*, *reconhecimento* e *compreensão* que o falante está imerso sempre para significar e comunicar *com* e *para* o outro no engendramento constante dos domínios semiótico e semântico.

O problema da significação tem desdobramentos em várias dimensões na obra de Benveniste: no domínio intralinguístico semiótico, que tem como unidade o signo; no domínio semântico, que abarca o universo da língua-discurso, e no domínio translinguístico em que a língua, por apresentar semiótico e semântico, pode ser convertida em discurso e se tornar interpretante dela mesma e de outros sistemas. Em cada uma dessas dimensões, o linguista discute o lugar da significação. Na problematização relacionada ao *domínio do signo*, do semiótico, concebe a forma como a condição das unidades se relacionarem em seus níveis e serem passíveis de dissociação; nesse domínio, o sentido está ligado à capacidade de integração e à distintividade, visto que “ser distintivo e ser significativo é a mesma coisa” (BENVENISTE, 1989, p. 228). No entanto, a noção de sentido tem ainda outro aspecto nesse domínio intralinguístico, pois “para que um signo exista, é suficiente e necessário que ele seja aceito e se relacione de uma maneira ou de outra com os demais signos.” (BENVENISTE, 1989, p. 227). Trata-se de um sentido reconhecido como pertencente à língua por quem dela faz uso, relacionado à interrogação: “tem sentido?” Por isso, Benveniste argumenta: “É no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo

não existe (...) Enunciemos então este princípio: tudo que é do domínio semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua.” (BENVENISTE, 1989, p. 227).

Além dessas acepções de sentido, um problema totalmente diferente comparece quando perguntamos: “qual o sentido?” Essa interrogação remete não a um sentido inerente ao sistema e às suas partes, mas ao universo do discurso, que nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação. Como estamos no domínio do exercício do discurso,

vemos [...] na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, entre o espírito e as coisas, transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando a vida dos homens. [...] Somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo [...]. (BENVENISTE, 1989, p. 229).

Como forma e sentido são noções gêmeas, no domínio semântico, a forma é o agenciamento de palavras na frase/no discurso, e o sentido é a ideia global derivada da organização sintática e da ação que cada palavra exerce sobre as outras: “Que a ideia só encontre forma num agenciamento sintagmático” (BENVENISTE, 1989, p. 230). Por isso, o linguista coloca como princípio no domínio semântico o seguinte: “o sentido de uma frase é outra coisa diferente do sentido das palavras que a compõem. O sentido de uma frase é a sua ideia, o sentido de uma palavra é seu emprego (...). A partir da ideia, a cada vez particular, o locutor agencia palavras que neste emprego tem um “sentido” particular” (BENVENISTE, 1989, p. 230). Nesse processo de sintagmatização e semantização, resultam dois modos de análise, que se conjugam: o global, que envolve o sentido da frase/do discurso na totalidade da ideia compreendida, e o analítico, que envolve a dissociação da frase/do discurso em unidades semânticas, as palavras.

Essa é a dupla significância da língua desdobrada em semiótico, modo de significação próprio do signo, que deve ser reconhecido; e o semântico, modo específico de significação engendrado pelo discurso, que deve ser compreendido. Devido à significação articular-se em duas dimensões, a língua tem o poder de interpretar a si e a outros sistemas, justamente porque:

1º. ela se manifesta pela enunciação, que contém referência a uma situação dada; falar é sempre falar-de;

- 2º. ela consiste formalmente de unidades distintas, sendo que cada uma é um signo;
- 3º. ela é produzida e recebida nos mesmos valores de referência por todos os membros de uma comunidade;
- 4º. ela é a única atualização da comunicação intersubjetiva. (BENVENISTE, 1989, p. 63).

A base dessa visão de linguagem, em que as realizações humanas – individuais e coletivas – somente podem ter existência porque estão ligadas ao exercício do discurso, implica considerar que a relação que cada locutor instaura com o outro, com o mundo, com outros sistemas simbólicos da sociedade torna-se possível por meio da língua como interpretante de outros sistemas e, inclusive, dela própria. Encontra-se aqui a abertura de Benveniste em direção a uma semiologia de segunda geração, em uma proposta metassemântica que se constitui sobre a semântica da enunciação, fato anunciado no final do texto *Semiologia da língua*: “a análise intralinguística é a abertura de uma nova dimensão de significância, a do discurso, denominada semântica, distinta da que está ligada ao signo, chamada semiótica, e a análise translinguística dos textos, das obras, pela elaboração de uma metassemântica que se construirá sobre a semântica da enunciação.” (BENVENISTE, 1989, p. 67).

Por isso, pensar as relações de ensino-aprendizagem em língua materna na Universidade, quando tratamos da língua em exercício relacionada a diferentes campos de saber, implica considerar o fato de que o aluno, ao se colocar como locutor, necessita produzir referências em seu discurso para implantar o outro diante de si. Nesse movimento de referência/co-referência, estabelece uma relação de interpretância com o seu campo de saber e se depara com a constante problemática de *relação forma-sentido*. A partir disso, interessante pensar a questão: Como a história de significação do homem na linguagem se produz? A resposta a esse questionamento pode ser introduzida com a inquietante reflexão de Teixeira e Messa. (2015, p. 107)

O fato de conceber a “realidade” como co-construída na fugacidade da enunciação, não nos autoriza a entendê-la como independente do jogo de influências sociais e culturais. Os lugares culturais de fala não são ignorados por Benveniste. Para ele, o homem não nasce na natureza, mas na cultura; toda criança e em todas as épocas, “aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura” (BENVENISTE, 1989, p. 23). Essas afirmações de Benveniste permitem que se diga que a cultura “fala” toda vez que eu-tu se instituem no ato de enunciação, ou seja, é uma alteridade que intervém crucialmente no dizer de eu-tu.

De fato, não há relação natural, imediata e direta entre o homem e o mundo, nem

entre o homem e o homem; é preciso haver um aparato simbólico para intermediar essa relação. A linguagem, como sistema simbólico por excelência, é o elo intermediário homem-mundo e homem-homem, por se realizar em uma língua particular inseparável de uma sociedade com sua cultura. Nesse sentido, o discurso, como atualização da língua, manifesta o sistema de valores de dada cultura inerente a cada instância social e carrega uma certa herança linguístico-cultural, pois tanto a língua quanto a sociedade nos são dadas. Ainda que nos sejam dadas, também uma e outra são apreendidas. É essa apreensão constante que consideramos estar em jogo nas instâncias de aquisição e de ensino-aprendizagem de língua materna, visto a entrada do falante em novas situações de convívio com a linguagem, pela necessidade de referir requerer apreensões distintas da língua – seja falada, seja escrita.

Como cada indivíduo manifesta o simbolismo cultural em que se encontra imerso por meio da língua em emprego, Benveniste (1989, p. 24) defende que a língua se constitui como “um mecanismo de significação”, por haver “uma semântica que atravessa todos esses elementos de cultura e que os organiza.” (BENVENISTE, 1989, p. 25). Por isso, afirma: “tudo que é do domínio da cultura deriva no fundo de valores, de sistema de valores. Da articulação entre valores. (...) Esses valores são os que se imprimem na língua.” (BENVENISTE, 1989, p. 22).

Consideramos que se valer da língua como sistema interpretante de outros é estar em um lugar de constante reinvenção de discurso, conforme Dessons (2006), lugar em que cada falante pode continuar a sua história de enunciações e se fundamentar como sujeito na linguagem.

Viver experiências de significação em uma língua materna é presentificar-se na dimensão de significância do discurso e na dimensão de significância translinguística – dos textos, das obras – campo da metassemântica (BENVENISTE, 1989, p. 67). É a partir dessas dimensões de significância que pretendemos refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem da língua materna como instauradora de uma história do aluno como falante, como ouvinte, como escritor e como leitor, questão a ser tematizada na seção seguinte.

3. Experiências de significação na linguagem em sala de aula universitária

É pressuposto consensual nas reflexões sobre ensino no País que as práticas de ensino de Língua Portuguesa precisam partir do uso para tomar a língua em emprego como objeto de reflexão, não na forma de memorização de nomenclaturas, mas de entendimento do funcionamento linguístico e interlocutivo de textos.¹ A constituição do aluno como um produtor de saberes sobre sua língua e como continuador de sua história de enunciações está na dependência de criação de espaços para enunciar em sala de aula de todos os níveis de ensino. Por isso, somos instigados a responder: Como o aluno (falante/ouvinte/escrevente/leitor) pode continuar a sua história de enunciações para se fundamentar como sujeito em sua língua materna em novas experiências de significação na linguagem em sala de aula na Universidade? Adotando uma concepção enunciativa para o tratamento da língua em uso em sala de aula, entendemos que “nada pode ser compreendido que não tenha sido reduzido à língua (...) É graças a este poder de transmutação da experiência em signos e de redução categorial que a língua pode tomar por objeto qualquer ordem de dados e até a sua própria natureza.” (BENVENISTE, 1989, p.100). Disso resulta que a língua, ao englobar a sociedade, instaura o que o autor chama de um “semantismo social”. No nível universitário, concebemos que esse “semantismo social” envolve a instauração do aluno em seu campo de saber relacionado a sua futura atividade profissional.

A base da reflexão sobre ensino-aprendizagem apresentada neste artigo encontra-se nas situações de sala de aula com alunos de Graduação de diferentes campos do saber (ciências humanas, ciências exatas, ciências da saúde e da natureza), do projeto Língua Portuguesa – Leitura e Produção de Textos em Língua Portuguesa, que promove atividades de uso e reflexão sobre a língua materna no âmbito do Programa de Apoio à Graduação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nas situações de sala de aula, algumas formulações – “na minha área se escreve de

¹ A reflexão aqui apresentada, com base na proposta benvenistiana, coloca *texto* e *discurso* como termos correlacionados, conforme estudo de Knack (2012): “[...] se o discurso ou a frase constituem um exercício de linguagem do locutor e, ao mesmo tempo, materializam essa ação de colocar a língua em funcionamento, o texto conjuga o ato de enunciação e a materialização do produto desse ato de tomada da palavra.”

tal modo, não de outro”; “na minha área não produzimos tal gênero” e assim por diante – produziram não somente inquietações nos professores para lidar com essa situação de ensino-aprendizagem como também encaminhou a equipe do Projeto, no âmbito desse Programa, a decisões de ordem teórico-metodológica que levassem em conta as especificidades de cada campo de saber e que encaminhassem o aluno a continuar a sua história de enunciações. Continuar uma história pressupõe resgatar com o aluno, em sala de aula, experiências na linguagem anteriores à chegada na Universidade para inseri-lo em novas experiências. Dessa situação de ensino-aprendizagem com textos em Língua Portuguesa, em que cada aluno traz seu “testemunho” de vivência na linguagem em relação com os seus campos de conhecimento, podem emergir modos de ação do professor no âmbito da sala de aula em língua portuguesa no ensino universitário.

A esfera acadêmica exige a produção de conhecimento por meio da elaboração de gêneros distintos (resumos, resenhas, monografias, ensaios, artigos, etc.) para as diferentes disciplinas cursadas pelo aluno e, caso o graduando esteja envolvido na Iniciação Científica, torna-se necessário que divulgue os resultados de sua pesquisa. Nesse meio em que a produção escrita e a leitura têm um lugar de destaque, às vezes, busca-se apenas aprimorar formas em detrimento do sentido dessas formas para a produção de referências na interlocução. Por assumir que *forma* e *sentido* estão entrelaçados na leitura e na escrita, como podemos, por meio de uma proposta de ensino-aprendizagem alicerçada no uso, promover práticas em sala de aula com textos – escritos, lidos, falados e ouvidos – para o aluno se integrar no mundo escolar/acadêmico? Se “pela língua, o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma” (BENVENISTE, 1995, p. 32), como o aluno se relaciona com a valoração de seus textos falados e escritos? Como produzir um trabalho para esse aluno que possibilite a sua integração à realidade acadêmica da qual passa a fazer parte? Trata-se do fato de que

A apropriação da linguagem pelo homem é a apropriação da linguagem pelo conjunto de dados que se considera que ela traduz, a apropriação da língua por todas as conquistas intelectuais que o manejo da língua permite. É algo de fundamental: o processo dinâmico da língua, que permite inventar novos conceitos e por conseguinte refazer a língua, sobre ela mesma de algum modo. Muito bem! Tudo isso é o domínio do “sentido”. (BENVENISTE, 1989, p.21).

Consideramos que a possibilidade de o aluno fazer a passagem de locutor para

sujeito na conversão da língua em discurso no contexto universitário reside na faculdade humana de simbolizar da linguagem, vinculada a sua propriedade de significar. Disso resulta a consequente conclusão de que “tudo é o domínio do sentido”. Assim, a consideração da língua em emprego, com a abordagem de seus modos de realização (falar, escutar, ler e escrever) nas situações de ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa, encaminha a realização de um trabalho docente que priorize a leitura de textos com temáticas relacionadas à profissão-alvo do aluno para que este se integre e se singularize nos valores dessa profissão que antecedem a sua entrada, de fato, nela e um trabalho com produção de textos que valorize a nova realidade que o aluno vivencia, o seu Curso de Graduação e a Universidade, para resgatar os sentidos produzidos para os textos ouvidos, lidos e produzidos em seu curso. Por isso, é importante a proposta de escrita elaborada pelo professor valorizar a história de relações do aluno com o *seu* mundo acadêmico e com o uso da língua para ressignificá-las. Ganha importância a “escuta” atenta e atuante do professor que, ao significar as falas dos alunos em sala de aula, procura produzir propostas que convoquem o aluno a colocar a língua em emprego para produzir sentidos a outros por meio de textos, conforme a proposta a seguir:

Se você está aqui hoje é porque fez a sua escolha profissional. Qualquer que tenha sido a sua opção, você deve ter uma ideia bem aproximada da importância do profissional dessa área para a sociedade. Supondo que você tenha sido convidado a escrever um artigo de opinião sobre a sua profissão para o Jornal da Universidade, redija esse artigo, mostrando a importância de seu curso e defendendo seu ponto de vista para o leitor.

Nessa proposta de produção, que busca fugir do artificialismo, tem-se: 1) um locutor convocando outro locutor a se enunciar, aspecto intersubjetivo constitutivo da língua em uso; 2) uma situação criadora da necessidade de o locutor referir para possibilitar a outro co-referir e 3) um contexto de circulação do conhecimento produzido.

É no entrelaçamento das quatro habilidades de uso da língua (falar, ouvir, ler e escrever) como vinculadas ao pressuposto de que “todo homem inventa sua língua e a inventa durante toda sua vida” (BENVENISTE, 1989, p. 18) que podemos ancorar a produção de conhecimento na universidade como relacionada a empregos anteriores da língua em outros textos e como possibilidade de criar novos empregos em distintas situações de uso. Nesse sentido, considera-se que os textos produzidos carregam, pois,

efeitos do sistema de valores culturais que advêm de outros textos ouvidos, lidos, falados e escritos.

A relação de interpretância, para Benveniste (1989), é condição de a língua poder interpretar a outros sistemas e a ela própria. É essa propriedade da língua que os alunos percebem como necessária para referirem seus objetos de trabalho, que se ancoram em outros sistemas, porque a língua convertida em discurso é o que dá condição de existência a esses objetos, conforme registram os relatos a seguir:

Caso 1

“Preciso aprimorar minha capacidade de uso da língua para explicar a outros os gráficos que produzo” (aluna do curso de Arquitetura, participante do PAG- Leitura e Produção de Textos em Língua Portuguesa)

Caso 2

“Preciso aprimorar minha capacidade de uso da língua para explicar a outros as pinturas em uma exposição. (aluno do curso de Artes Plásticas, participante do PAG- Leitura e Produção de Textos em Língua Portuguesa)

Considerando esses casos, o trabalho com a leitura e com a produção de textos na Universidade requer do professor constituir princípios que se situem em uma dimensão translinguística, que coloque a língua-discurso em relação a outros sistemas semiológicos para o aluno fundar sua experiência humana na dupla natureza (individual e social) de sua língua e para se historicizar nas enunciações de sua área de conhecimento. Isso permitirá a sua instauração nos valores culturais constitutivos da língua-discurso de seu campo de saber para constituir a comunicação intersubjetiva. Trata-se do papel da língua no interior da sociedade, “uma vez que esta língua é expressão de certos grupos profissionais especializados [...]. Ao distinguir [...] os diferentes tipos de relações que unem a língua e a sociedade [...] recorreremos sobretudo ao mecanismo que permite à língua tornar-se o denominador, o interpretante das funções e das estruturas sociais.” (BENVENISTE, 1989, p. 102).

É vivendo sua experiência na linguagem com outros, na prática social relacionada a cada campo de saber, por meio de atos de enunciação – falado, ouvido, escrito e lido – que o homem pode descobrir-se e se reinventar durante toda a vida. Deslocando para o contexto deste artigo, trata-se, em sala de aula, de atividades que busquem significar os

diferentes atos de enunciação dos alunos ligados às distintas atividades humanas, condição para cada um revelar sua experiência subjetiva ao atribuir forma, sentido e conteúdo às suas atividades ao ser constituído por outro(s) ao mesmo tempo em que constitui outro(s) *na e pela* linguagem.

4. Palavras finais

“O homem na linguagem/língua”, formulação transversal à teorização de Benveniste sobre linguagem, pode ser vista, conforme Flores (2013), por inúmeras possibilidades de “presenças”. A hipótese do autor é a de que “Benveniste possibilita ancorar uma linguística verdadeiramente preocupada com as formas da presença do homem na língua; uma presença inventiva, que não poderia ser desvinculada da noção de cultura”. (FLORES, 2013, p. 191). Neste artigo, procuramos apresentar uma das possibilidades fundada na tríade homem, língua(gem) e cultura, relacionada ao contexto de sala de aula universitária em que os alunos recorrem às aulas de leitura e produção de textos na busca de subsídios para *enformar* seu discurso (configurar forma) e *informar* esse discurso de significação (constituir sentido) para outros se instanciarem na língua-discurso de suas atividades profissionais.

A significação encontra seu lugar no exercício do discurso, espaço onde o homem pode experienciar-se vivendo na linguagem. Esse *viver* na linguagem é o que possibilita a sociedade e a humanidade.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste: l'invention du discours*. Éditions in Press: Paris, 2006.

FLORES, Valdir. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

KNACK, Carolina. *Texto e enunciação: as modalidades falada e escrita como instâncias de investigação*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2012.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras. Porto Alegre, 2007.

____. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. São Paulo: Pontes, 2009.

TEIXEIRA, Marlene. O ato enunciativo e a instauração da experiência de trabalho de profissionais de enfermagem. *Moara*, n.38, p.37-53, jul./dez., 2012, Estudos Linguísticos.

TEIXEIRA, Marlene; MESSA, Rosângela Markmann. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista v. 13, n. 1, p. 97-116, junho de 2015.